



Resenha

Poética da tragédia e filosofia do trágico

Roberto Machado é conhecido no Brasil principalmente por seus estudos sobre Nietzsche. Nesse novo livro, porém, embora a motivação de fundo seja mais uma vez a compreensão de um aspecto da filosofia de Nietzsche, que se refere à noção central do trágico, que tanto inaugura o pensamento desse filósofo quanto se mantém como presença constante e forte ao longo de toda a sua obra, o propósito da investigação se move num plano mais amplo. A abordagem não se inscreve nos comentários usuais feitos de Nietzsche, empenhados em geral mais com a perscrutação minuciosa de um aspecto particular de sua obra ou com um assunto dominante *no interior* da obra do que com uma indagação dos temas na medida em que pertencem à história da filosofia ou à cultura em geral. Nessa direção, também se deve mencionar que o enfoque se distingue de muitos outros estudos de história da filosofia, que via de regra elegem determinado tema num filósofo, para então explorá-lo exaustivamente no interior do mesmo, segundo sua “estrutura” interna.

E esse parece-me um primeiro mérito incontestável desse livro corajoso e arrojado, que se eleva no cenário filosófico brasileiro precisamente porque procura pensar a obra de Nietzsche por aquilo mesmo que se ressalta imediatamente a todo leitor, acostumado com a filosofia clássica alemã, ao se deparar com *O nascimento da tragédia*: é inegável que Nietzsche se move aqui na esteira de uma tradição de mais de cem anos do pensamento alemão (e não só segundo Kant e Schopenhauer). Roberto Machado aceita esse desafio crítico e procura, numa investigação alentada, reconstituir com muito empenho esse fio da reflexão sobre o trágico, desde o nascimento, até certo ponto indireto, do assunto com Winckelmann, em meados do século XVIII, passando por desdobramentos no classicismo e idealismo alemães, chegando à soleira de Nietzsche, com a obra de Schopenhauer e, por fim, desembocando no próprio autor do Zarathustra.

Precisemos a empreitada: o desafio inicial é compreender o que vem a ser “tragédia”, ou melhor, o “trágico” em Nietzsche e a hipótese que anima o livro é que “trágico” para Nietzsche não significa apenas um adjetivo ou uma qualidade imediata ou óbvia do gênero dramático, muito menos uma categoria geral, digamos assim, da “vida” ou da “existência” (segundo a acepção mais corriqueira), e sim possui um cunho específico, ou melhor, implica um enorme esforço de reflexão que remete a toda uma tradição de pensamento sobre o teatro, da qual Nietzsche é tributário. Nesse ponto, Machado apóia-se numa tese de Peter Szondi (aliás, presença constante por todo o livro) que, grosso modo, é a seguinte: desde os tempos antigos, quando nasceu a tragédia junto aos gregos e, logo em seguida, estabeleceu-se a maneira canônica de compreendê-la, com a *Poética* de Aristóteles, iniciou-se a tradição das “poéticas da tragédia”, que têm como traço característico